

BAKHTIN E WITTGENSTEIN: TEORIAS EM DIÁLOGO

Ivanaldo Santos¹

Maria Eliza Freitas do Nascimento²

RESUMO

O objetivo deste artigo é enfatizar a contribuição dada à filosofia da linguagem, a partir da abordagem das teorias de Mikhail Bakhtin e de Ludwig Wittgenstein, observando alguns aspectos semelhantes entre estes dois pensadores. Utilizaremos principalmente as obras *Marxismo e Filosofia da Linguagem* de Bakhtin e *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein para encontrar os pontos de convergência entre esses filósofos da linguagem. Iniciaremos com uma pequena abordagem histórica da linguagem, passando pela contribuição de Saussure para firmar a lingüística como ciência, para então chegarmos ao nosso ponto de destaque, ou seja, a apresentação de alguns pontos convergentes no pensamento de Bakhtin e Wittgenstein.

Palavras-chave: Bakhtin; Wittgenstein; linguagem; teorias; dialogue.

ABSTRACT

This article aims to emphasize the contributions to language philosophy through approaches from Mikhail Bakhtin and Ludwig Wittgenstein, focusing on some similar aspects between these two thinkers. We will utilize mainly the works *Marxism and Language Philosophy* from Bakhtin, and *Philosophical Investigations* from Wittgenstein, to find points of convergence between these language philosophers. We will begin with a small and historic approach about language, passing by the contribution from Saussure to affirm the Linguistic as a science to arrive, after that, on our main point, that is, the presentation of some convergent point of Bakhtin and Wittgenstein thoughts.

Key-words: Bakhtin; Wittgenstein; language; theories; dialogue.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde a Grécia Antiga a linguagem é alvo de estudos realizados por filósofos. Entre os autores desses estudos é possível destacar, por exemplo, Platão e Aristóteles. Com Platão o interesse sobre a relação entre nomes e seus significados surge no diálogo *Crátilo*. Neste texto Sócrates desenvolve um diálogo entre Hermógenes (PLATÃO, *Crátilo*, 384d) – um filósofo do círculo socrático menor – que defende a tese da arbitrariedade da língua, ou seja, os nomes são dados aos objetos de maneira arbitrária de acordo com as convenções sócio-culturais, e Crátilo (PLATÃO, *Crátilo*, 383a-383b, 430d-430e) – um discípulo exaltado de Heráclito – que defende a tese que os nomes são conseqüências naturais dos objetos.

Nesta discussão Sócrates emerge como a alternativa a estes dois pólos antagônicos. Segundo ele o objetivo da especulação sobre a linguagem não é demonstrar se a mesma é

¹ Doutor em Estudos da Linguagem pela UFRN, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

² Doutoranda em Linguística pela UFPB e professora do Departamento de Letras da UERN. E-mail: elizamfn@hotmail.com.

natural (posição de Crátilo) ou convencional (posição de Hermógenes), mas que tem uma dimensão natural, no sentido que há categorias universais e metafísicas a serem observadas, e, ao mesmo tempo, convencional, visto que a mesma está ligada à diversidade das atividades sócio-culturais do ser humano.

Aristóteles apesar de se contrapor a algumas teorias de Platão, deu continuidade a seus estudos sobre a linguagem. Ele aprofundou mais esses estudos e escreveu teorias sobre as diferenças morfológicas entre palavras e frases, os significados de palavras isoladas e em contextos diferentes, e diferenças entre a linguagem falada e escrita. Explicitou o significado de *ónoma*, *rhema* (incluindo o que ele chama de ‘casos’ de *rhema*: tempo verbal no passado e no futuro) e *logos*.

Com os estóicos a linguagem foi tratada de forma mais sistemática, eles avançaram nos estudos sobre a linguagem e explicaram muito do que Aristóteles apenas havia iniciado. Desenvolveram estudos fonéticos, fonológicos e semânticos.

É possível destacar ainda outras contribuições como as de Santo Agostinho, a gramática de Port-Royal, Locke e Hobbes (ARAÚJO, 2004). No entanto, não vamos nos aprofundar nessas contribuições, apenas procuramos com esses pequenos fragmentos abordar um pouco da questão histórica envolvendo a pesquisa sobre a linguagem.

Com a virada lingüística em fins do século XIX e principalmente no século XX, o estudo da linguagem ganhou destaque entre os filósofos. A filosofia da linguagem e a lingüística estão em nova fase, isto é, o século XX foi o século da lógica e da linguagem. Nesse contexto surgem formas diversas de pesquisar a linguagem, firma-se, então, a lingüística como ciência, a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure. A linguagem é dividida em língua e fala, sendo a primeira social e a segunda individual. Por ser social, a língua torna-se objeto da lingüística, analisada sob o paradigma estruturalista que estava em voga na primeira metade do século XX. Ganha destaque o signo lingüístico como unidade que une um conceito e uma imagem acústica, significado e significante respectivamente.

No ambiente do século XX, outras evidências podem ser sentidas: desde a crítica literária, passando pela filologia e análise do discurso, até a semiótica de Pierce. Surge também a lógica matemática com Frege, Russell e o *Tractatus lógico-philosophicus* de Wittgenstein (ARAÚJO, 2004), que explicava a relação linguagem/realidade baseada no princípio da vericondicionalidade, no qual era necessário indicar as condições de verdade para uma sentença ser significativa. Uma linguagem lógica deve ser transparente aos valores de verdade. Deve ser possível perceber toda operação em termos da transformação da verdade e da falsidade (SCRUTON, 1982).

Apresentamos estas considerações como forma de contextualizar os estudos da linguagem, embora outras abordagens não tenham sido mencionadas. Procuramos abordar um pouco da história para enfim, apresentar o pensamento de dois grandes filósofos que transformaram a filosofia da linguagem no século XX. Sendo eles: Mikhail Bakhtin e Ludwig Wittgenstein. Ressaltaremos o que há de comum entre tais teóricos a fim de evidenciar a coerência de ambos ao centrar o foco dos estudos da linguagem na perspectiva social, enfatizando a necessidade de se perceber que a língua só faz sentido no uso, sendo a linguagem ordinária objeto de seus estudos.

É importante destacar que este trabalho apresenta um recorte metodológico, por não fazer um apanhado de toda a obra desses dois autores. Interessa-nos o pensamento do segundo Wittgenstein, especificamente das *Investigações filosóficas*. Também não vamos contemplar toda a obra do Círculo de Bakhtin³, principalmente no que se refere à questão da autoria, como sabemos, há muitas discussões. Reportar-nos-emos à obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin (Volochinov) como representativa do pensamento desse círculo.

1. BAKHTIN E WITTGENSTEIN: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

O desafio a que nos propomos é estabelecer um diálogo entre as teorias de Bakhtin e Wittgenstein, tomando por base as obras *Marxismo e filosofia da linguagem* de Mikhail Bakhtin e *Investigações filosóficas* de Ludwig Wittgenstein. Trata-se de dois filósofos que influenciaram os estudos da linguagem pela ruptura de seus pensamentos com formas tradicionais de se conceber a linguagem, marcando, com isso, um campo de análise que foi disseminado ao longo do século XX e início do XXI, de forma mais ampla, na filosofia de forma geral, e, de forma mais específica, na filosofia da linguagem.

Essa ruptura já pode ser apontada como a primeira semelhança entre ambos. Para estabelecer suas concepções de linguagem, os autores partem de críticas a modelos de análises

³ A expressão *Círculo de Bakhtin* designa um grupo de intelectuais russos que se reuniam regularmente entre 1919 a 1929, primeiro nas cidades russas de Nevel e Vitebsk e, depois, em São Petersburgo que, na primeira metade do século XX, tinha sido renomeada pelo regime socialista russo de Leningrado. Esse grupo era constituído por pessoas de diversas formações e interesses acadêmicos diferentes. Entre os membros desse grupo cita-se: o filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o estudioso da literatura Lev V. Pumpianski, Valentin N. Voloshinov, Pavel N. Medvedev e o filósofo que deu nome ao Círculo, ou seja, Mikhail M. Bakhtin. O eixo central desse grupo era a pesquisa em torno da linguagem. Com a perseguição do regime socialista aos intelectuais russos na década de 1930 o *Círculo de Bakhtin* foi dissolvido. Apesar da perseguição política esse *Círculo* conseguiu produzir importantes obras filosóficas do século XX como, por exemplo, *Marxismo e filosofia da linguagem*, *As fronteiras entre poética e lingüística* e *Problemas da poética de Dostoiévski*. Para mais informações sobre o Círculo de Bakhtin consultar: Faraco (2003).

existentes. Wittgenstein, nas *Investigações Filosóficas*⁴, rompe com a concepção de significado da Semântica Formal e com as idéias centrais do *Tractatus Lógico-philosophicus*, no qual propõe a teoria da figuração, baseada na concepção de que a realidade é afigurada pela linguagem. É possível notar críticas aos formalistas lógicos. Para ele a linguagem não pode ser unificada segundo uma única estrutura lógica e formal. Em suas palavras: “É preciso comparar a multiplicidade das ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, a multiplicidade das espécies de palavras e frases com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem” (*IF*, § 23). Para ele existem várias formas de manifestação e de apropriação da linguagem. Dentro do cotidiano o indivíduo não está exposto apenas uma manifestação da linguagem, mas a várias. Com isso, é preciso que haja um aprendizado dinâmico dessas manifestações por parte do indivíduo. Além disso, não é possível que uma única estrutura lógica e formal possa dá conta de toda a múltipla dinâmica que envolve a linguagem.

Por sua vez, Bakhtin rompe com a noção de sistema lingüístico-formal, recusando, por conseguinte, a lógica. Ele não vê a existência humana e, por conseguinte, a linguagem explicadas por meio de modelos lógico-matemáticos. Ele parte da análise de duas abordagens do pensamento lingüístico: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. Para ele nem a lingüística, nem a filosofia da linguagem produzidas no século XIX e início do XX conseguiram responder de forma satisfatória as indagações referentes ao objeto de estudo da filosofia da linguagem, qual sua natureza e que metodologia utilizar para estudá-la. Em grande medida ele se contrapõe a teoria da linguagem desenvolvida por Frege, Saussure e o primeiro Wittgenstein, ou seja, o Wittgenstein do *Tractatus Lógico-philosophicus*.

É por isso que ele analisa que soluções a filosofia da linguagem e a lingüística trouxeram para o problema de delimitar a linguagem como objeto de estudo. Sua concepção de linguagem é construída principalmente a partir das críticas ao objetivismo abstrato. Ele diz que um dos maiores erros de Ferdinand de Saussure é não considerar o aspecto sócio-ideológico da linguagem. Para ele a pesquisa desenvolvida por Saussure fica no nível da estrutura formal da língua e não se aprofunda em direção ao nível vertical da mesma, o seja, a dimensão da construção social da língua. É por este motivo que ele considera que é preciso inserir o objeto da linguagem na esfera única da relação social. Para ele não se pode perder de vista sua natureza semiótica e ideológica. Sobre essa questão Bakhtin (2004, p. 70-71) afirma:

⁴ Devido ao fato das *Investigações filosóficas* ser um livro escrito por meio de aforismos, parágrafos curtos, breves, decidiu-se utilizar para a citação desse livro a sigla IF (*Investigações filosóficas*) seguido do número do respectivo parágrafo. Número este que foi atribuído pelo próprio Wittgenstein.

Para observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos (emissor e receptor do som) bem como o próprio som, no meio social. [...]. A unicidade do meio social e a do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-psíquico-fisiológico possa ser vinculado à língua, à fala, possa tornar-se um fato de linguagem.

Podemos destacar mais um ponto comum entre os autores. Wittgenstein também insere o componente ideológico ao afirmar “sem linguagem não podemos influenciar outros homens” (*IF*, § 491) e o social ao sair da perspectiva imanentista atomista para a funcional, vindo como a linguagem é uma ferramenta que deve ser utilizada na vida cotidiana. Ele aborda a linguagem enquanto atividade, enquanto forma de vida, na qual o conceito de significação das palavras envolve o uso prático da linguagem. O próprio Wittgenstein esclarece: “O que designam, pois, as palavras dessa linguagem? O que elas designam, como posso mostrar isso, a não ser na maneira do seu uso?” (*IF*, § 10). A linguagem não pode ser compreendida e demonstrada de forma *a priori*, ou seja, por meio de algum sistema puramente lógico-formal, mas pelo e no seu uso. O uso é a diretriz que orienta a compreensão e a demonstração da linguagem.

Para ele a linguagem é para ser analisada a partir da descrição de semelhanças e diferenças entre seus diversos usos. Somente no uso cotidiano é possível compreender e determinar a função social de uma estrutura linguística. Além disso, as várias estruturas linguísticas que se manifestam no cotidiano tem por função ajudar ao indivíduo a se posicionar dentro da vida social, gerando, com isso, a construção dos fenômenos linguístico-sociais. É por isso que os fenômenos linguístico-sociais estão todos relacionados uns com os outros de formas diferentes, para os quais há regras que percorrem os usos mostrando as semelhanças entre jogos de linguagem. Essas regras são flexíveis e podem ser modificadas, transformando a linguagem em “um labirinto de caminhos”. (*IF*, § 203), ou seja, a linguagem passa a ter várias formas de manifestação e de ser utilizada pelos diferentes grupos sociais.

Na perspectiva do uso ganha destaque a linguagem como ação, retratada através de jogos de linguagem que constituem “o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada” (*IF*, § 23). À linguagem corresponde uma multiplicidade de formas de vida, por isso, não há como encaixá-las em formas fixas, com uma única estrutura e uma única gramática. Os jogos de linguagem são uma analogia para mostrar o caráter múltiplo e variado da linguagem. Eles são diversos e numerosos, difíceis de classificar, pois representam a diversidade de situações cotidianas como prometer, comandar, relatar, produzir um objeto, contar história, pedir, agradecer, saudar etc., transformando, com isso, a função denotativa em apenas uma das várias relações existentes na comunicação entre os sujeitos. Ao enfatizar uma parte de uma atividade, os jogos de linguagem estão em consonância com a situação de uso, ou seja, com o contexto social específico, os interlocutores como no exemplo dado por

Wittgenstein no § 2 das *Investigações Filosóficas*, quando se refere ao entendimento de um construtor A com um ajudante B. “Na práxis do uso da linguagem, um parceiro enuncia as palavras, o outro age de acordo com elas” (IF, § 7). Enquanto prática a linguagem exige uso e experiência para ser utilizada e compreendida. Sendo assim um sujeito B só compreenderá o enunciado proferido por A se conhecer a dimensão prática, ou seja, o nível de experiência, que o enunciado proferido por A contém.

Esse aspecto apresentado por Wittgenstein reflete uma concepção de linguagem como interação social, reafirmando mais uma semelhança com Bakhtin, pois esse pensador coloca em evidência o nível de interação social existente na enunciação. Para ele a “enunciação é de natureza social. Ela será determinada pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata” (BAKHTIN, 2004, p. 112).

Vendo a enunciação inserida no meio social, Bakhtin propõe a idéia da interação verbal, realizada por meio da enunciação. Para ele a “palavra em função do interlocutor comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui o produto da interação do locutor e do ouvinte” (BAKHTIN, 2004, p. 113). Assim, a interação verbal pressupõe o diálogo – enquanto interação social – e, por conseguinte, passa a ser a verdadeira substância da língua. Sobre essa questão Bakhtin (2004) argumenta que a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema de formas lingüísticas puramente lógico-formal e nem pela enunciação monológica isolada, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação. Através da palavra o sujeito se define em relação ao outro. Com isso a palavra torna-se uma ponte lançada entre os interlocutores. Essa ponte possibilita a existência da comunicação social e, dessa forma, tira os indivíduos do isolamento social e existencial. Ao sair do isolamento os indivíduos estão aptos a construir formas diferentes de comunicação e de interação social.

Dessa forma, o princípio do dialogismo da linguagem apresentado por Bakhtin, ou seja, a linguagem enquanto instrumento de construção das diferentes formas de manifestação da comunicação e de interação social, é instaurado como unidade fundamental da língua. É preciso esclarecer que por *dialogismo* Bakhtin entende não apenas o diálogo no sentido estrito, ou seja, do tipo comunicação face a face, mas o diálogo em sentido amplo, ou seja, toda comunicação humana que possa ser verbalizada a partir da interação social. É por este motivo que para ele *viver* significa participar de um grande diálogo, interrogar, escutar, responder, concordar etc. Além disso, para ele o *Ser* – uma categoria de teórica que é fundamental dentro da reflexão filosófica – significa o resultado da convivência humana e, por conseguinte, os seres humanos são efeito da alteridade, ou seja, eles são o resultado que o uso prático da linguagem produzida

por um sujeito ou grupo social A causa em um sujeito ou grupo social B e vice-versa (BAKHTIN, 1984).

Em Wittgenstein também encontramos vestígios de uma abordagem dialógica, além de interativa. Notamos que nos jogos de linguagem a interação se dá entre sujeitos que fazem uso da linguagem numa situação concreta e nela os significados são construídos de forma a possibilitarem os sujeitos a agirem a partir da fala produzida por outros sujeitos.

Para Wittgenstein não há jogo de linguagem no vazio, ou seja, os seres humanos não produzem um conjunto específico de regras linguísticas em si mesmas, apenas para serem apreciadas e analisadas por algum sistema lógico-formal, mas na participação dos sujeitos em interação dialógica, num processo de compreensão ativo-responsivo, vendo a linguagem como atividade ou forma de vida. Neste sentido, o jogo de linguagem é resultado da interação social. Ele nasce a partir das diversas necessidades que os grupos sociais possuem. É a necessidade social que determina a constituição e a função do jogo de linguagem.

Os dois autores partem da análise da linguagem ordinária, vista como o eixo estruturador de suas respectivas teorias. Saem da linguagem ideal para a linguagem real, em situações concretas de uso, ou seja, a linguagem enquanto resultante da interação social. O que importa é a linguagem enquanto manifestação do cotidiano, que está em (des)ordem, diz a que veio, apresenta-se como instrumento com múltiplas funções dentro da sociedade. Para o Wittgenstein das *Investigações Filosóficas* não é preciso um sistema lógico para mostrar finalmente aos homens que aparência deve ter uma frase correta. A preocupação central não é com a correção formal das proposições, mas com seu uso dentro do contexto social. Já Bakhtin, ao estabelecer a interação verbal como realidade fundamental da linguagem, realizada no meio social através da enunciação, faz emergir a teoria do enunciado concreto. Há uma busca da compreensão do ato concreto em oposição à pureza lógica do pensamento abstrato, ou à criatividade idealista (SOUZA, 2002). Assim, a linguagem adquire sentido no uso, em determinados contextos e em situação de interação, há uma recondução do emprego metafísico para o emprego cotidiano.

Pensando no sentido das palavras, chegamos a outro aspecto semelhante nos autores em pauta. Ao propor as bases para uma teoria semântica, Bakhtin (2004) afirma que toda enunciação tem tema e significação. O tema é o sentido da enunciação completa. Ele é único, individual e reiterável. Apresenta-se como a expressão de uma situação histórico-social concreta que deu origem à enunciação. É o estágio superior real da capacidade de significar; enquanto que a significação são os elementos que são reiteráveis e idênticos cada vez que são

repetidos. Esses elementos são abstratos, fundados sobre uma convenção, eles não têm existência concreta e independente. É o estágio inferior da capacidade de significar.

Bakhtin (2004) acrescenta que além do tema e da significação, a palavra tem acento apreciativo ou de valor, transmitido através da entonação expressiva. Ela é reconhecida quando um conteúdo objetivo é expresso pela fala viva. Quando os sujeitos exprimem os seus sentimentos, dão a uma palavra uma entonação expressiva e profunda. Trazendo para a discussão o exemplo dado por Bakhtin (2004, p. 129) “Que horas são?”. A princípio essa proposição trata-se de uma simples frase que é pronunciada cotidianamente em muitas regiões do planeta. Entretanto, dependendo da situação histórico-social concreta ela pode indicar um sentimento de alegria ou tristeza, um sentimento de vitória ou derrota e outros. É por este motivo que para ele a enunciação tem um sentido diferente cada vez que é pronunciada dentro de um contexto histórico-social concreto, e tem um tema diferente, o qual também está ligado à situação histórico-social concreta em que é pronunciada e do acento apreciativo.

Para Wittgenstein (1991) toda palavra pronunciada significativamente não tem apenas superfície, ou seja, a dimensão lógico-formal, mas também uma dimensão de profundidade, ou seja, ligada ao contexto histórico-social concreto. Essa profundidade é garantida pelo sentimento, intenção, circunstância, entoação da voz com que são proferidas as proposições. Quando esse pensador diz que o significado de uma palavra é seu uso na linguagem, reportamos a enunciação de Bakhtin no exemplo acima citado. Interessante destacar que Wittgenstein (1991) também mostra que o sentido não está preso e pré-determinado por uma convenção gramatical ou lógico-formal, mas se constrói na situação de uso concreto da linguagem, envolvendo elementos como intenção, circunstância, entonação, etc. As situações de uso como, por exemplo, o sentimento e a necessidade é que constroem a significação das palavras. Elas têm sua expressão no tom de voz que são proferidas, na expressão facial e muitos outros aspectos estão envolvidos na construção do sentido. As palavras isoladamente podem ser analisadas do ponto de vista lógico-formal, mas não podem ser compreendidas enquanto pertencentes a um jogo de linguagem específico. Como o próprio Wittgenstein enfatiza: “todo signo sozinho parece morto, só no uso ele vive” (*IF*, § 432), ou seja, apenas dentro do contexto de uso é que o signo passa a ter um sentido determinado e específico. E este sentido é construído pelo jogo de linguagem inserido dentro de uma situação histórico-concreta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste diálogo entre teorias, buscamos elencar as contribuições de Bakhtin e Wittgenstein para os estudos da linguagem. Temos convicção de que o diálogo não se encerra nos pontos abordados, permanece aberto, assim como as teorias desses dois filósofos que com suas idéias semearam campos profícuos dentro dos estudos da linguagem no século XX e início do XXI.

Não são teorias prontas e acabadas, são contribuições que podem ser sentidas em diversas áreas da Linguística. Entre essas áreas é possível citar a Teoria da Enunciação e a Pragmática, pois ambas receberam fortes influências desses autores. Bakhtin influenciou vários segmentos dos estudos da linguagem com a construção de categorias teóricas como, por exemplo, interação verbal, dialogismo e polifonia. Já a contribuição direta dada por Wittgenstein pode ser percebida e visualizada na teoria dos atos de fala desenvolvida por Austin e Searle.

Por fim, é preciso afirmar que Bakhtin e Wittgenstein dialogam na forma de conceber a linguagem. Para ambos a linguagem é produto da interação social. É por este motivo que questões como linguagem em uso, interação, dialogismo, linguagem ordinária, a entoação na construção do sentido, dentre outras, perpassam as idéias desses dois filósofos. Com eles inaugura-se uma nova concepção de linguagem, vista na perspectiva do uso da língua. A consequência dessa inauguração é que o foco não recai mais sobre o que a linguagem é em sua essência, em si mesma, mas como a linguagem funciona e como ela é (re)construída a partir das diversas situações concretas que se manifestam no cotidiano social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, I. L. **Do signo ao discurso: Introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do Circulo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

PLATÃO. **Crátilo**. Lisboa: Livraria Sá Costa, 1994.

SCRUTON, R. **Introdução à Filosofia Moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SOUZA, G. T. Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev. 2 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

WITTGENSTEIN, L. Investigações Filosóficas. 5 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores).